

Eleições 2012



● **Manaus.** O prefeito eleito de Manaus, Artur Virgílio, quer que o PSDB retome suas bandeiras políticas, que 'foram apropriadas pelo PT', criticou

ENTREVISTA

Aécio Neves, senador (PSDB-MG)

'Derrota de Serra não diminui papel do PSDB'

O senador e presidenciável afirma que a influência de Lula e Dilma nas eleições já não existe como se imaginava

Julia Duailibi

Para o presidenciável do PSDB, senador Aécio Neves (MG), o resultado dessa eleição mostrou que a influência do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da presidente Dilma Rousseff "não existe mais do modo que a gente imaginava". Aécio, no entanto, minimiza o impacto para o PSDB da derrota de José Serra em São Paulo: "Essa foi uma candidatura que nunca foi simples, nunca foi fácil".

O tucano destaca o desempenho do PSDB no Norte e Nordeste e tece elogios à aliança com o PSB. Aécio vê um "antagonismo" entre PT e PSB nas cidades onde disputaram eleição, que não deve ser superado em 2014. Leia abaixo a entrevista.

● **Qual avaliação o sr. faz da derrota do PSDB em São Paulo?**

Numa eleição em que 50 cidades estavam em jogo, não dá para avaliar uma. É uma derrota que tem repercussão, mas ressalto que Serra foi candidato porque o partido quis que fosse, para fazer justiça a ele. Serra não brigou para ser candidato. É claro que não foi bom perder, mas, no geral, nessa eleição não teve um grande derrotado. No nosso caso, nos saímos de forma muito vigorosa no Nordeste e no Norte, de onde havíamos sido dizimados nas últimas eleições.

● **O PSDB precisa se renovar?**

Há figuras novas que já surgiram: o Eduardo (Leite), que ganhou em Pelotas, o menino de Blumenau (Napoleão Bernardes), Firmino (Filho, em Teresina), Maceió (com Rui Palmeira). Tem uma geração nova se afirmando.

● **O partido errou ao não arriscar um nome novo em São Paulo?**

O momento em que o Serra resolveu ser candidato ele fez por um apelo do partido. E parecia a candidatura mais sólida. Enfim, perdeu. Ele vai ser uma figura que terá sempre um papel importante nas decisões do PSDB. Isso (a derrota) não diminuiu o papel do PSDB. Essa foi uma candidatura que nunca foi simples, nunca foi fácil.

● **O desempenho do PSDB em Estados importantes, como São Paulo, ficou abaixo do esperado.**

Nas últimas eleições presidenciais, ganhamos nos três Estados do Sul e do Centro-oeste. No Sudeste, nenhum outro partido tem uma situação mais sólida que o PSDB, com o governo de Minas e o de São Paulo. O PSDB, em relação a um cenário de seis, oito meses atrás, teve resultado muito além do que a gente poderia imaginar.

● **Há setores do PSDB paulista que defendem uma aliança em 2014 com o PSB, de Eduardo Campos (PE), na cabeça de chapa em troca do apoio à reeleição do governador Alckmin.** O PSDB é a única força de oposição para se apresentar como uma alternativa. Problema quem tem hoje é o governo, para manter a base unida. Vamos apresentar um projeto alternativo e atrair ao longo do caminho forças que estão hoje com o governo. As alianças que fizemos com o PSB, que brinquei que votei mais 40 que 45, criam lógi-

cas locais. Pega Campinas, Fortaleza, a cidade se divide em dois grupos. Então, amanhã, é difícil que os grupos se aliem. Vai todo mundo para uma candidatura do PT? É difícil. Fizemos alianças importantes com o PSB, e, mesmo que amanhã o PSB esteja com o PT, e hoje é o caminho mais natural, nessas praças vai haver sempre um antagonismo, com tendência do eleitorado que não é PT ficar com outra alternativa. A eleição do ACM Neto (Salvador), do Arthur Virgílio (Manaus), pelo fato de Lula ter ido, de Dilma ter

ido muito agressiva, mostra que essa influência, do modo como a gente achava que existia, não existe mais. Tem um País aberto para uma proposta nova.

● **O PSDB deve definir logo o presidenciável. Serra é um nome?**

Não tem que antecipar. Ninguém é candidato dois anos antes de uma eleição. Acho que o momento é a virada de 2014.

● **Qual espaço Serra terá?**

Não sei nem se ele pretende objetivamente algo. Ele vai ser sempre uma figura central no PSDB. Não dá para desprezar os votos que ele teve. Não dá para desprezar o que representa, mesmo que tenha perdido a eleição.

● **O sr. acha que ele pode ocupar a presidência do PSDB?**

Não pensei nisso. Nem sei se ele quer isso.



Oposição. Aécio vê PSDB como 'única força alternativa'



Bradesco
Vida e Previdência



↑ VALOR ↓ INCALCULÁVEL



Baixe um leitor de QR Code em seu celular, aproxime o telefone do código ao lado e saiba como adquirir o Prev Jovem Bradesco.

bradescopevidencia.com.br

SAC - Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 721 1144
CAS - Central de Atendimento ao Surdo: 0800 722 0099
Para mais informações: 4002 0022 / 0800 570 0022

PATROCINADOR OFICIAL








Bradesco Seguros
É melhor ter.

TM Rio 2016 | Todos os direitos reservados.

Reforma de Alckmin vai abrigar serristas

A reforma do secretariado do governo de Geraldo Alckmin (PSDB), prevista para ocorrer até o fim do ano, vai abrir espaço para aliados do candidato derrotado do partido a prefeito da capital paulista, José Serra. A indicação de nomes próximos seria uma maneira de prestigiá-lo e abrigar o seu grupo político.

Aliados de Serra afirmam que a Secretaria da Saúde poderia abrigar o prefeito de Piracicaba, Barjas Negri, que foi seu braço direito no Ministério da Saúde e depois comandou a pasta. Embora considerem pouco provável, os serristas não descartam a nomeação do próprio ex-governador.

Alckmin, no entanto, ainda não deu indicativos de que pretende mexer na Saúde. A reforma do secretariado será precipitada pela saída do secretário da Casa Civil, Sidney Beraldo, que será indicado para o Tribunal de Contas do Estado (TCE).

Para reforçar negociações com aliados e o andamento das obras do Estado nos próximos anos, com vistas à reeleição, Alckmin estuda dividir a pasta em duas: uma dedicada à articulação política e outra para a coordenação de projetos. O favorito para a primeira secretaria é Edson Aparecido, que coordenou a campanha de Serra. A pasta que comandará as obras pode ficar com Marcos Monteiro, atual presidente da *Imprensa Oficial*.

Alckmin está hesitante em relação à criação de mais uma secretaria, mas pode tomar a decisão caso consiga fundir outras duas pastas - as mais prováveis são Recursos Hídricos e Saneamento.

Entre as secretarias cotadas para a troca de comando estão Agricultura, Desenvolvimento Econômico, Desenvolvimento Metropolitan, Habitação e Justiça.

Além de Barjas Negri, o governo pode acolher outros prefeitos do PSDB, que ficarão sem mandato a partir de 2013, como o prefeito de São José dos Campos, Eduardo Cury, e o prefeito de Sorocaba, Vitor Lippi. **J.D. e BRUNO BOGHOSSIAN**

* **Análise: Carlos Melo**

Antes 'à tardinha' do que nunca

Nem entardecia, as urnas ainda estavam abertas, e Fernando Henrique Cardoso já falava neste domingo em renovação, tema delicado para o ainda candidato de seu partido na disputa pela Prefeitura. Horas mais tarde, com um pano de fundo de rostos desolados, José Serra reconhecia a derrota, embora se dissesse revigorado. Não falava em erros, não emitia nenhum sinal de revisão. Sinalizava apenas com um "vamos em frente!" Na mesma noite, declarações mais exaltadas anunciavam a possibilidade de os tucanos lavarem a roupa suja.

Derrotas acirram ânimos e despertam rancores adormecidos; derrotas seguidas fazem

isso com maior intensidade. É difícil, mas nessas ocasiões melhor seria aprender a ouvir silêncios, conversar com os botões. Evitar que o chumbo trocado se torne, mais tarde, munição para adversários. Mas, como conter a dor de se ver derrotado pelo segundo "poste"; de deixar escapar a vitória anunciada como certa?

Também é verdade que silêncio permanente é nocivo: impede a crítica; aniquila a imprescindível revisão; obstrui o avanço. No curto prazo, a precipitação fere muito, mas, no longo, a omissão mata. Encontrar o equilíbrio é arte para poucos. Só mesmo os de excepcional legitimidade, autoridade moral e liderança. Difícil que isso ocorra quando os líderes têm posições a defender dentro do partido. Mais adequado que Fernando Henrique o faça. Está fora da rinha eleitoral.

O que o PSDB não pode é cometer erros nas duas pontas: críticas contundentes e ligeiras são precipitação. Mas sufocá-las, como no passado, é muito ruim. Pelo menos desde 2002, o partido carece de revisão: naquela ocasião, não só ava-

liou mal as chances de Lula, como também, deliberadamente, omitiu o legado do governo FHC. Um erro de avaliação e uma omissão que se repetiram nas campanhas seguintes.

Há dez anos, o PSDB está sem discurso. Abriu mão de sua agenda modernizante. Não aprofundou críticas programáticas às administrações do PT, não debateu com as forças vivas da sociedade - governo inclusive - um rol de reformas que tornariam viável o desenvolvimento econômico e social. Preferiu desqualificar a agenda de inclusão, menosprezando políticas que, somadas à estabilidade, tinham inequívoco valor social e político. Iludiu-se com a proeminência do discurso ético, ignorando que as duas coisas não se excluem.

Quem sabe, o discurso correto (?) requeresse nuances: o Brasil ia bem, mas precisaria e poderia ir melhor. A crítica fácil se impôs, talvez julgando que o povo não seria capaz de compreender nada de mais sofisticado. Malhou-se o adversário, escamoteando que os males da imoralidade abraçavam grande parte do sistema político

brasileiro. A vestal do PSDB carecia de visão sistêmica. Com Serra, o programa e a fisionomia dos tucanos - liberal na economia, social-democrata nas políticas públicas, progressista nos costumes - aos poucos se perdeu.

De seu ponto de vista, é justo que José Serra diga "vamos em frente". Tratado como primogênito desde 2002, tudo tem se resumido à sua vontade, a seu projeto e ritmo. Em 2006, 2010 e 2012, os tucanos se viram reféns de seu processo indecisorio. Seguir em frente faz sentido, quando a rota o favorece.

Mas sentido faz também que, mesmo precipitadamente, se aponte a necessidade de mudar o rumo. Antes tarde que mais tarde, ou tarde demais - ou "à tardinha", como fez FHC. À beira do precipício, não se dá um passo à frente. Melhor rever o caminho percorrido; se for o caso, voltar atrás e encontrar as chaves que ficaram no passado.

* CIENTISTA POLÍTICO E PROFESSOR DO INSPER